



REVISTA

Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

ARTIGO | DOSSIÊ Instituições, História e Patrimônio Cultural

Professores, gestores e a produção da Faculdade de Filosofia de Natal e de seu Curso de História (1955-1956)

Teachers, managers and the production of the Faculdade de Filosofia de Natal and its History Course (1955-1956)

Profesores, gestores y la producción de la Faculdade de Filosofia de Natal y su Curso de Historia (1955-1956)

Clivya da Silveira Nobre

RESUMO

O objetivo do artigo foi analisar as ações dos professores e gestores ao produzir o espaço institucional da Faculdade de Filosofia de Natal (FAFIN) e de seu Curso de História, entre 1955 e 1956. Foi mobilizada a metodologia da análise qualitativa dos documentos administrativos da instituição. Foram operacionalizados os conceitos de *produção de espaço* (LEFEBVRE, 2013), *sociabilidade* (SIRINELLI, 1986) e *intelectual* (SIRINELLI, 2003). Identificou-se o perfil social e político dos professores e gestores, formação, atuação profissional, agremiações culturais que integraram, e a influência destes aspectos no currículo do Curso de História e nas diretrizes institucionais da FAFIN.

Palavras-chave: Faculdade de Filosofia de Natal; História do ensino superior; Ensino de história; História do Rio Grande do Norte.

ABSTRACT

The objective of the article was to analyze the actions of the teachers and managers in producing the institutional space of the Faculdade de Filosofia de Natal (FAFIN) and its History Course, between 1955 and 1956. The methodology of qualitative analysis of the administrative documents of the institution was used. The concepts of *space production* (LEFEBVRE, 2013), *sociability* (SIRINELLI, 1986) and *intellectual* (SIRINELLI, 2003) were operationalized. It was identified the social and political profile of the teachers and managers, formation, professional performance, cultural associations they have integrated, and the influence of these aspects in the curriculum of the History Course and in the institutional guidelines of FAFIN.

Keywords: Faculdade de Filosofia de Natal; History of higher education; History teaching; History of Rio Grande do Norte.

RESUMEN

El objetivo del artículo fue analizar la actuación de los profesores y gestores en la producción del espacio institucional de la Faculdade de Filosofia de Natal (FAFIN) y de su Curso de Historia, entre 1955 y 1956. Se movilizó la metodología de análisis cualitativo de los documentos administrativos de la institución. Se operacionalizaron los conceptos de *producción espacial* (LEFEBVRE, 2013), *sociabilidad* (SIRINELLI, 1986) y *intelectual* (SIRINELLI, 2003). Se identificó el perfil social y político de los profesores y gestores, la formación, el desempeño profesional, las asociaciones culturales que han integrado y la influencia de estos aspectos en el currículo del Curso de Historia y en los directrices institucionales de la FAFIN.

Palabras clave: Faculdade de Filosofia de Natal; Historia de la educación superior; Enseñanza de la historia; Historia del Rio Grande do Norte.

Introdução

Em que momento pode-se dizer que um curso de ensino superior passou a existir? A partir da data de seu decreto fundador? Ou do início de suas aulas? No caso do Curso de História da Faculdade de Filosofia de Natal (FAFIN), que foi incorporado à Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) posteriormente, este ponto de partida foi celebrado das duas maneiras, nas efemérides institucionais. Quando foram comemorados os 30 anos do Curso, a data escolhida foi 1957, início das aulas. Já na celebração dos 50 anos, 1956, ano da fundação oficial por decreto, foi o marco inicial escolhido (NOBRE, 2022b, p. 53). Como consequência destas opções, as representações da trajetória do Curso de História elaboradas institucionalmente nestas duas circunstâncias tiveram estas datas como o início das histórias contadas.¹

Porém, este recorte temporal ocultou um período estratégico na produção do espaço de ensino. Há registros de que, desde 1955, intelectuais ligados à educação no Rio Grande do Norte tomaram medidas, como seleção de professores (GALVÃO, 2018, p. 77), reuniões e ações burocráticas (ATA [...], 1956), para possibilitar a fundação da FAFIN e de seus cursos, dentre eles, o de História. No presente artigo, propõe-se a análise de como estas atividades, ocorridas entre os anos de 1955 e 1956, colaboraram na produção do espaço de ensino superior da FAFIN.

¹ Estas representações foram abordadas em (NOBRE, 2022a).

Todo ato consciente e organizado de emprego de energia sobre uma matéria, física ou simbólica, com uma finalidade, tem potencial de produzir espaços por meio do trabalho (LEFEBVRE, 2013). E foi isto que fizeram os professores, alunos, gestores e demais funcionários da FAFIN: articularam tempo, energia, seus conhecimentos e habilidades com a finalidade de promover a formação de profissionais das ciências humanas no estado, num processo dinâmico e contínuo.

O objetivo do presente artigo foi caracterizar a produção do espaço institucional de ensino do Curso de História da FAFIN, e dos demais cursos desta faculdade, pelos seus professores e gestores, entre 1955 e 1956, ou seja, nos anos anteriores ao início das aulas (1957). Para isto, foram analisadas as atas das reuniões da Congregação de Professores da FAFIN, dados biográficos dos docentes, os documentos programáticos das cátedras do Curso de História, sua primeira grade curricular e o Regimento da FAFIN.

Entre os intelectuais ligados à FAFIN, foi possível notar aspectos em que suas perspectivas quanto ao ensino e à História se aproximaram e se distanciaram, ao compor o mosaico do microcosmo da rede de sociabilidade integrada por estes sujeitos. Os traços de ideias e ações similares identificados entre os integrantes dessa rede compuseram o seu microclima característico (SIRINELLI, 2003). A particularidade desta rede de sociabilidade auxiliou na análise de como ela produziu o espaço de saber da FAFIN.

A partir deste estudo, foi possível identificar as circunstâncias que motivaram a fundação da instituição, os grupos envolvidos neste processo, o perfil de formação e profissional dos escolhidos para compor o quadro docente, as estratégias pelas quais alguns destes intelectuais se prepararam para lecionar a nível superior, e os objetivos institucionais notáveis na composição curricular e nas diretrizes de ensino institucionais.

Da idealização à concretização

A expansão do ensino superior no Brasil já era uma realidade em 1955. No Rio Grande do Norte, as faculdades de Farmácia e Odontologia, Direito e

Medicina já estavam em atividade.² Com a política de educação básica para as massas, promovida a partir do governo de Getúlio Vargas (VELOSO, 2003, p. 145-179), a demanda por professores cresceu, e também a necessidade de que esses profissionais tivessem formação especializada em suas respectivas áreas de atuação. Para atendê-la, o estudo das ciências humanas estava sendo contemplado pelas diversas faculdades de Filosofia em diferentes cidades, como São Paulo, Rio de Janeiro e Recife, e pelo Curso de Letras, em Manaus, por exemplo. Era chegada a vez de o estado do Rio Grande do Norte ter seu próprio centro de formação na área das humanidades.

Diante destas circunstâncias, a Associação de Professores do Rio Grande do Norte (APRN), que reunia os profissionais da educação do estado, foi o espaço no qual a ideia de uma faculdade de Filosofia local começou a se concretizar. Durante os anos de 1955 e 1956 ocorreu uma mobilização para resolver as questões burocráticas para instalação da FAFIN, para escolha de professores para compor os quadros da nova instituição e para definição da organização de seus cursos. A APRN, na pessoa de seu presidente, Joaquim Coutinho, esteve a cargo do convite dos professores (GALVÃO, 2018, p. 76). O perfil profissional dos componentes iniciais do corpo docente deu indícios dos critérios de seleção de professores pelo presidente da Associação,³ grupo no qual estavam Hélio Galvão, Luís da Câmara Cascudo, e, mais especificamente do Curso de História, João Wilson Mendes Melo, Alvamar Furtado de Mendonça, Moacyr de Góes, Tarcísio Medeiros e Hélio Dantas, dentre outros (ATA [...], 1956).

Critérios de seleção de profissionais e o perfil docente da FAFIN

Até aquele momento, a experiência de trabalho de Hélio Galvão incluiu as áreas de advocacia, atividades burocráticas, como o cargo de tabelião na cidade de Pedro Velho, jornalismo, em cinco periódicos do Rio Grande do Norte, e o magistério no ensino secundário (COSTA, 2017). Já Luís da Câmara Cascudo

² A Faculdade de Farmácia e Odontologia foi criada em 1947, a Faculdade de Direito de Natal teve sua fundação em 1949, e a Faculdade de Medicina de Natal iniciou suas atividades em 1955 (CALADO; MELO, 2019, p. 18-39).

³ Foram citados os professores que apresentaram mais dados biográficos disponíveis na bibliografia encontrada e, por isso, foram selecionados para a presente amostragem das características gerais do corpo docente.

tinha atuado como advogado, secretário do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Norte e professor de História Geral e do Brasil no Colégio Estadual Norte Riograndense. Cascudo lecionou no ensino superior antes, na Faculdade de Direito de Natal e na Escola de Serviço Social de Natal (atuais cursos de Direito e de Serviço Social da UFRN, respectivamente) (BARRETO, 2022). Nesta Escola, inclusive, Hélio Galvão e João Wilson Mendes Melo também foram professores.

A experiência no ensino também não era inédita para João Wilson Melo, que lecionou na Escola Técnica de Comércio de Natal e no Seminário São Pedro, antes de trabalhar na FAFIN, além de ter exercido a advocacia e atividades jornalísticas até então. Ou seja, o professor tinha experiência com ensino de nível básico e superior e em outras áreas da intelectualidade potiguar (GALVÃO, 2018, p. 69-75). Alvarar Mendonça foi professor de Geografia Brasileira no Atheneu Norte Riograndense, onde chegou a ser diretor da instituição de ensino secundário, contemporâneo a Cascudo e professor no período em que João Wilson Melo foi aluno na instituição (GALVÃO, 2018, p. 37). Moacyr de Góes também trabalhou na mesma escola, após alguns anos como advogado (GOÉS, 2009, p. 8). Ou seja, alguns elos da rede de sociabilidade composta pelos professores da FAFIN tinham sido tecidos antes, no Atheneu Norte Riograndense.

Naquele período, a indicação e o convite eram as portas de entrada para a participação dos intelectuais em instituições como a faculdade em processo de fundação e a APRN. O contato profissional com alguém que já estivesse inserido na FAFIN, provavelmente, foi a chave que abriu essas portas. Além disso, o Atheneu Norte Riograndense foi a principal instituição de ensino secundário do Rio Grande do Norte naquele período, ou seja, a maior parte dos intelectuais do estado estudaram neste lugar.

Estes profissionais citados tinham um perfil similar. Bacharéis em Direito, a formação mais frequente dos intelectuais e professores de ensino secundário e superior naquela época, eles pertenciam à elite letrada do Rio Grande do Norte. Tinham em comum a passagem pelo jornalismo, pela advocacia e pelo magistério. É provável que estes tenham sido os critérios para estes sujeitos serem considerados aptos a serem convidados para integrarem o corpo docente da faculdade: não apenas estavam habituados a lecionar em áreas das ciências

humanas, como tinham, no geral, uma trajetória pregressa de trabalho intelectual, nos periódicos, além da formação em Direito, que proporcionou a eles o acesso à cultura letrada considerada mais clássica naquele período. Mas nem todos os docentes da FAFIN tinham sido professores anteriormente.

Hélio Dantas, por exemplo, foi promotor de justiça e deputado estadual (CASCUDO, 1972). Já Tarcísio Medeiros era um burocrata, secretário do Tribunal de Apelação (atual Tribunal de Justiça do Rio Grande do Norte), e um dos responsáveis por instalar o Tribunal Regional Eleitoral no estado (BIOGRAFIA do prof. Tarcísio Medeiros, [2022]). Não foram encontrados registros de que tenham lecionado antes da FAFIN. Portanto, o critério principal para o ingresso no corpo docente da FAFIN não foi a experiência prévia no ensino e sim estar inserido no grupo da elite letrada, composto por intelectuais, literatos, burocratas e professores.

Participar de redes de sociabilidade compartilhadas com a elite política também foi uma característica comum desse recrutamento. Com exceção de Moacyr de Góes, todos os professores citados foram sócios do Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN),⁴ agremiação na qual agentes da elite política do Rio Grande do Norte, como Alberto Maranhão e Tavares de Lyra, circulavam e faziam contatos com outros políticos e intelectuais. Os confrades envolvidos no poder, como Alberto Maranhão, tinham projetos de futuro para o Rio Grande do Norte baseados em modelos de educação (LYRA, 2013). Portanto, possivelmente indicavam para cargos nas instituições de saber no estado os sujeitos que conheciam e com os quais compartilhavam os mesmos ideais. Desse modo, não é difícil imaginar que a forte presença de membros do IHGRN na FAFIN, naquele primeiro momento, foi resultado dos laços tecidos na agremiação, entre a elite política e os intelectuais.

Além de um espaço de sociabilidade em que parte considerável dos professores da FAFIN foram formados e lecionaram, o Colégio Atheneu Norte Riograndense também se configurou como um lugar de divulgação de uma narrativa histórica norte-rio-grandense produzida no IHGRN. Desde 1892, foi estabelecido que esta instituição, a única de ensino secundário no estado

⁴ De acordo com atas de reuniões do instituto, encontradas nas revistas do IHGRN. As revistas estão disponíveis em: <http://repositoriolabim.cchla.ufrn.br/handle/123456789/20>.

naquele período, passaria a ofertar o Curso Normal, para preparar professores para o ensino primário, além do bacharelado em Ciências e Letras, necessário para que se seguissem os estudos em nível superior.

Em ambos os cursos ofertados pelo Atheneu Norte Riograndense, os estudos de História Geral, do Brasil e do Rio Grande do Norte foram parte importante da formação. Professores que assumiram as cadeiras dessas áreas, como Pedro Velho, Augusto Tavares de Lyra, Manoel Dantas e Francisco Pinto de Abreu, também foram sócios do IHGRN, sendo que os dois primeiros foram governadores do Rio Grande do Norte e os dois últimos, diretores da Instrução Pública no estado. Além disso, as obras sobre a história local indicadas para o ensino básico foram escritas por Tavares de Lyra, Manoel Dantas e por Vicente de Lemos, também ligado ao IHGRN (MORAIS, 2019).

No geral, no Rio Grande do Norte da Primeira República, um mesmo grupo que ocupava o poder político e exercia a pesquisa histórica no IHGRN também ditava os rumos da educação pública local. Deste modo, a historiografia utilizada para fins didáticos tinha uma característica similar à produção do IHGRN: a continuidade entre a colonização portuguesa, a elite política descendente dos colonizadores e as identidades brasileira e norte-riograndense.

Até mesmo a outra obra de referência sobre História do Rio Grande do Norte sugerida, que foi produzida por José da Rocha Pombo, um intelectual externo a esse grupo, tinha em comum com as obras citadas o discurso de linearidade entre o legado europeu e a história do Rio Grande do Norte, apesar de não ter a elite política ligada ao litoral como protagonista de sua narrativa. Os docentes da FAFIN e especialmente do Curso de História provavelmente foram influenciados por esta tradição historiográfica norte-riograndense enquanto ex-alunos e, alguns, ex-professores, do Atheneu Norte Riograndense, e isto pode ter interferido em suas escolhas ao pensar e ensinar a História no curso superior.

Caminhos e estratégias de preparação para a docência superior em História

Por mais que alguns dos professores do Curso de História da FAFIN tivessem experiência no ensino, a docência em nível superior nessa área era novidade para eles. Cada um buscou meios para obter formação mais específica

para aquela nova circunstância. Há registros e indícios das estratégias de aperfeiçoamento de dois dos primeiros professores, João Wilson Mendes Melo e Hélio Galvão, que representaram os dois principais modos de pensar o ensino e a História adotados pelo quadro docente.

João Wilson Melo enfatizou o seu processo de preparação com certa frequência em suas memórias e em entrevistas. Ele foi o professor que falou de maneira mais detalhada desse processo. Nas entrevistas, ele contou que fez uma viagem ao sul do Brasil, acompanhou algumas aulas no Curso de História da Faculdade de Filosofia de Porto Alegre (FFPA), onde recebeu indicação de bibliografia para estudos particulares. Ele atribuiu a essa experiência seu conhecimento sobre a corrente histórica dos Annales (NOBRE, 2022a, p.102). Esta vivência também foi registrada na biografia do professor, escrita por Cláudio Galvão, que foi, como já dito, seu aluno e seu colega docente superior. (GALVÃO, 2018, p. 76-78). Desse modo, é notável que a narrativa sobre sua preparação foi parte da identidade profissional que ele buscou construir para si. Em seus dizeres:

Convidado pelo presidente da Associação de Professores para o Curso de História, da Faculdade de Filosofia, eu aceitei porque o curso começaria dois anos depois e eu teria tempo, portanto, para uma especialização maior [...] aproveitei uma viagem ao Rio Grande do Sul e frequentei durante seis dias o curso de Didática de História da Faculdade de Filosofia daquela Universidade de Porto Alegre [...] A Escola dos Annales, francesa, através da Revista dos Annales, propunha uma história inteiramente diferente da história factual - a história dos fatos, como se ensinava. [...] A história da cultura passou a ser incorporada ao ensino regular de história [...] E esse estudo se aprofundou tanto porque eu procurei os autores franceses adquiridos por indicação dos professores do Rio Grande do Sul (MELO, 2006, p. 3-4).

Ou seja, de acordo com as memórias do professor, esta preparação foi quase que exclusivamente por conta própria e, com a indicação bibliográfica recebida no curso em Porto Alegre, ele pôde fazer seus estudos de maneira autônoma sobre a teoria da História de acordo com os Annales. O professor não citou as obras lidas nesse período nos registros encontrados. Mas, o plano de curso de Introdução ao Estudo da História, de 1963 (BRASIL, 1972), ou seja, do componente curricular lecionado pelo professor, teve quatro livros citados na

bibliografia utilizada.⁵ Desse total, apenas uma obra discutiu as ideias da corrente historiográfica dos Annales, era “Iniciação aos Estudos Históricos”, de Jean Glénisson, no qual há comentários sobre as ideias principais dos autores dessa corrente historiográfica. Provavelmente, no início, foi esta a obra consultada pelo professor para ter acesso às discussões da Escola Francesa no período que teve para se preparar antes do início das aulas.

No decorrer dos anos, a interpretação da História pelo viés político/militar foi bastante criticada, enquanto a história das estruturas das sociedades foram valorizadas (REMOND, 2003, p. 13-36). É provável que João Wilson Melo tenha reforçado seu contato com a escola francesa para se colocar como herdeiro dessa interpretação histórica tida como mais atualizada. Além disso, o professor se distanciou, a partir de seu discurso, da história dita factual, ou “história dos fatos, como se ensinava”. Com essas palavras, ele indicou que a interpretação histórica “que se ensinava”, ou seja, a que ele conheceu em sua trajetória como estudante no ensino básico e no ensino superior, e nos meios intelectuais que frequentava, como o IHGRN, foi considerada uma interpretação da qual ele quis se diferenciar em sua prática. Desse modo, ele reconheceu que a sua formação escolar e acadêmica não garantiu uma formação histórica atualizada, e que o contato com docentes de ensino superior mais experientes e o autodidatismo foram caminhos para garantir sua atualização.

Porém, de acordo com o plano de curso elaborado pelo professor, da cátedras de Introdução ao Estudo da História (BRASIL, 1972), foi possível notar que a interpretação historiográfica da Escola dos Annales não foi sua única referência no ensino, como ele buscou transmitir por meio de suas memórias. Dois dos quatro autores citados na bibliografia básica, Wilhelm Bauer e Georg Hegel, discutiam em suas obras a teoria e a filosofia históricas a partir das correntes de pensamento alemãs do século XIX. É possível deduzir que houve outros espaços de formação que influenciaram o professor, onde ele pôde ter tido acesso a essas outras referências, que ele minimizou para ressaltar a sua representação de si como um autodidata. Ou seja, o precursor teve outras

⁵ As demais obras foram: Teoria da História do Brasil, de José Honório Rodrigues; Lições sobre Filosofia da História, de Georg Hegel; e Introducción al Estudio de la Historia, de Wilhelm Bauer.

referências além da Escola Histórica Francesa, porém, optou por ocultá-las nas memórias registradas.

Não foram encontrados dados sobre o período preparatório dos demais professores que fossem tão detalhados quanto a descrição feita pelo professor João Wilson Melo. Mas foi possível identificar traços dos estudos prévios de Hélio Dantas para exercer a função de professor de História do Rio Grande do Norte (a cátedra que ele ocupou no início do curso), a partir da análise do programa de curso que ele produziu para este componente curricular (FACULDADE DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO NORTE, 1962).

O modelo mais comum dos planos de curso a partir de meados da década de 1980 é mais detalhado, mas os documentos anteriores a esse período, no qual o programa de Hélio Dantas se incluiu, costumavam ser mais sucintos, geralmente uma lista de conteúdos a serem abordados ao longo do ano. A partir da análise da seleção de temas feita por Dantas, foi possível notar semelhanças com a estrutura narrativa presente nas obras sobre a história norte-rio-grandense escritas por Augusto Tavares de Lyra (LYRA, 1921), José da Rocha Pombo (POMBO, 1922) e Luís da Câmara Cascudo (CASCUDO, 1955). Estas obras tiveram o maior impacto nas discussões historiográficas no estado e foram as principais bibliografias sobre sua história na primeira metade do século XX (LOPES, 1998). No geral, as narrativas, assim como o programa de Dantas, tinham a ação colonizadora portuguesa como ponto de partida e contavam a trajetória política e econômica do Rio Grande do Norte nos períodos colonial, imperial e republicano, de maneira cronológica, até o momento presente da publicação. Esta influência e as semelhanças na estrutura da narrativa histórica indicam que, provavelmente, essas obras foram consultadas por Hélio Dantas durante seus estudos prévios para assumir a cadeira de História do Rio Grande do Norte.

As obras de Tavares de Lyra e Câmara Cascudo tiveram similaridades com a perspectiva histórica adotada nas discussões e historiografia produzidas no espaço institucional do IHGRN, em aspectos como a posição de destaque para o legado da colonização portuguesa na identidade constituída para o estado, provavelmente pela atuação destes intelectuais no sodalício. As opções conteudistas de Hélio Dantas podem ter tido relação com as ideias construídas

e disseminadas na instituição, do qual Dantas foi confrade. Além disso, integrantes do IHGRN estiveram envolvidos na formação de professores no Atheneu Norte Riograndense, nas deliberações sobre o ensino básico no estado, mediante a diretoria de Instrução Pública, ao longo da Primeira República, e na indicação de obras de confrades para fins didáticos. Isto colaborou na consolidação de uma tradição historiográfica norte-rio-grandense da qual o intelectual Hélio Dantas foi um disseminador.

Porém, das três obras, a que mais se assemelhou com o programa de curso produzido por Hélio Dantas foi a de Câmara Cascudo. A partir da comparação da lista de conteúdos apresentada por Hélio Dantas no programa de curso da cátedra de História do Rio Grande do Norte com o índice da obra “História do Rio Grande do Norte” de Câmara Cascudo, identificou-se que os tópicos de aula de Hélio Dantas foram nomeados de maneira quase idêntica aos títulos dos subcapítulos de Cascudo, utilizando os mesmos termos, com pequenas modificações na ordem ou o acréscimo e retirada de algumas palavras, mantendo o mesmo sentido. Isto indicou que este livro foi a principal referência seguida por Hélio Dantas em seu planejamento. Mas nem todos os temas e capítulos da obra foram contemplados no documento programático, ou seja, o intelectual utilizou de sua autonomia docente para fazer uma seleção das temáticas que considerou mais relevantes para a formação que pretendeu ofertar a partir de seu ensino.

A influência da escrita de Câmara Cascudo no planejamento conteudista do professor Dantas não foi ao acaso. Cascudo e Dantas foram confrades contemporâneos no IHGRN, além de terem sido colegas professores no Atheneu Norte Riograndense e na própria FAFIN. Compuseram o seletivo grupo da elite letrada norte-rio-grandense durante o mesmo período, ou seja, eles compartilharam espaço nas diferentes instituições que integraram, e as aproximações entre a escrita de um e o ensino de outro foram indícios de que havia elos entre ambos ali, na rede de sociabilidade dos professores intelectuais.

Além disso, Câmara Cascudo teve intensa escrita sobre o Rio Grande do Norte na Revista do IHGRN, na qual Hélio Dantas teve acesso à historiografia de Cascudo e optou por adotar sua obra como base para sua seleção de conteúdo por compartilhar de suas interpretações históricas. Redes de sociabilidade são grupos mais ou menos duradouros, mais ou menos

institucionalizados, dos quais os intelectuais participam por opção, tecidos em torno de relações de amizade, desavença ou influência, cujo mapeamento indica os trajetos pelos quais as ideias se disseminam (SIRINELLI, 1986, p. 102-103). Nesse sentido, a influência notada de Câmara Cascudo sobre Hélio Dantas foi um caminho para a divulgação de uma interpretação histórica produzido pelos letrados norte-rio-grandenses, interpretação que se transmitiu da historiografia, do grupo mais restrito da elite intelectual, para o ensino, o grupo mais amplo dos graduandos em História.

A partir dessa amostragem, do caso de dois professores fundadores do curso, João Wilson Melo e Hélio Dantas, foi observável que a preparação para assumir a docência superior de História foi, por um lado, uma busca autônoma desses sujeitos por obras de referência, mas também teve relação com as opções institucionais de cada professor para buscar essas leituras: Melo buscou uma professora ligada ao Curso de História da FFPA; Dantas buscou a escrita de um sócio do IHGRN, uma agremiação cultural. As diferentes características de perspectiva histórica nessas instituições tiveram traços que se perpetuaram no ensino no Curso de História da FAFIN.

Propor, discutir, deliberar: reuniões docentes e os primeiros passos para a estruturação do Curso de História e da FAFIN

Com a equipe docente escolhida e preparada, as reuniões começaram. Com regularidade, a Congregação dos Professores da FAFIN⁶ se reuniu para organizar prioridades de ação institucional, delegar funções e atribuições para cada colega, cumprir tarefas burocráticas e deliberar sobre grades curriculares e programas de curso dos componentes curriculares ofertados na faculdade. As principais características notadas nesse período foram a cooperação e a tomada conjunta de decisões pelo corpo docente. A primeira reunião da Congregação ocorreu em janeiro de 1956 (ATA [...], 1956). Joaquim Coutinho encabeçou a

⁶ Organização por meio da qual professores e gestores da FAFIN se reuniam para debater e decidir aspectos estruturais dos cursos da faculdade e para dividir e cooperar nas tarefas burocráticas da instituição. De acordo com as atas das reuniões, a totalidade do corpo docente estava inserida na Congregação. Com a Reforma Universitária, em 1970, foi substituída pelo sistema de Colegiados.

sessão, que tinha como objetivo principal votar para decidir o diretor da nova instituição e os integrantes de seu Conselho Técnico Administrativo.⁷

Na inicial ausência de um diretor, Coutinho fez esse papel de direcionamento, o que indicou a proximidade inicial do presidente da APRN e da faculdade em estruturação. Os três professores mais votados para direção compuseram uma lista tríplice, da qual Joaquim Coutinho foi encarregado de escolher qual dos três seria o diretor da FAFIN. Ele optou por escolher o mais votado, o que indicou a tendência já existente dentro da instituição em privilegiar tanto quanto possível a tomada de decisões de forma mais democrática. O professor Edgar Barbosa foi o diretor eleito e, a partir de então, ele ocupou o espaço inicialmente preenchido por Coutinho de conduzir esta fase de constituição da FAFIN.

A segunda reunião da Congregação ocorreu em março do mesmo ano (ATA [...], 1956). As ações do Conselho Técnico Administrativo foram divulgadas para os demais colegas professores, das quais teve destaque as negociações para a liberação da instalação da FAFIN com a Diretoria de Ensino Superior no Rio de Janeiro. Hélio Dantas teve papel fundamental nesse processo, apesar de não ser integrante do Conselho Técnico Administrativo. O professor, que estava ocupando o cargo de deputado estadual desde 1952 (CASCUDO, 1972), utilizou sua influência junto a outros colegas envolvidos na política partidária para agilizar o trâmite burocrático e conseguir a liberação do funcionamento da FAFIN.

Influência política é poder, e, no caso de Hélio Dantas, foi possível notar que ele mobilizou este poder para se tornar uma figura de autoridade pouco contestada dentro da FAFIN, e depois da UFRN, durante os anos de exercício da docência. Nas memórias de professores do Curso de História, institucionalizadas nas efemérides, foram produzidas representações da atuação de Hélio Dantas, nas quais sua rigidez nas relações com os alunos e com colegas docentes foi evidenciada (NOBRE, 2022a, p. 100-104). Isso indicou que existia um grau maior de poder nas mãos de Hélio Dantas dentro do Curso de História, o que pode ter sido resultado de sua influência política e de sua

⁷ Composta inicialmente pelos professores Esmeraldo de Siqueira, Luís da Câmara Cascudo, Hélio Mamede Galvão, Alvarado Furtado de Mendonça e Boanerges Soares de Araújo.

contribuição para promover a faculdade original junto aos órgãos do governo federal.

A grade curricular dos cursos da instituição em estruturação foi outro elemento elaborado durante o intenso ano de 1956. Os professores da Congregação buscaram referências nas faculdades de filosofia já existentes no Brasil para a construção do currículo de cada curso, inclusive de História (LIMA, 2002, p. 22). Apesar das múltiplas transformações mediante os anos, o primeiro currículo do curso foi um alicerce sobre o qual os currículos seguintes se embasaram e se expandiram, sempre seguindo uma organização similar. No Quadro 1, está a relação dos componentes curriculares, a ordem e as séries em que cada um deveria ser cursado pelos estudantes.

Quadro 1 – Componentes curriculares da primeira grade curricular do Curso de História (bacharelado⁸) da FAFIN (1957)

1º Período	2º Período	3º Período
História da Antiguidade	História Moderna	História da América
História da Idade Média	História do Brasil	História Contemporânea
		História do Brasil
		História do Rio Grande do Norte

Fonte: Lima (2002, p. 25).

A parte do primeiro currículo referente aos conhecimentos históricos foi estruturada em quatro etapas principais: História Antiga, História Medieval, História Moderna e História Contemporânea; e nas duas últimas a História da América, do Brasil e do Rio Grande do Norte estavam atreladas. De acordo com o professor João Wilson Melo, que colaborou na constituição desse currículo, seguir a ordem cronológica dos fatos foi uma medida que visou promover o desenvolvimento progressivo dos graduandos com o conhecimento histórico (LIMA, 2002, p. 22). Ou seja, a progressão da aprendizagem dos saberes históricos estava associada à ordem cronológica em que seria apresentada, de acordo com os professores estruturadores.

⁸ A organização dos componentes curriculares dos cursos da FAFIN, inclusive o de História, permitia que o estudante, ao concluir as três primeiras séries, optassem entre receber a titulação de bacharel nas áreas dos cursos, ou, caso preferirem, ingressarem no curso complementar de Didática, para, ao fim de um ano, se titularem licenciados (MEDEIROS, 1987, p. 14).

Esta divisão, conhecida como história quadripartite (CHESNEAUX, 1995, p. 92-99), baseia-se numa concepção histórica desenvolvida por intelectuais europeus no século XIX, e parte do princípio de que o dito “legado civilizatório” do velho mundo foi gerado e distribuído para a humanidade a partir dessas quatro etapas da História. Esta organização periódica da história mundial é compartilhada por parte considerável dos cursos de graduação em História no país, e ainda na atualidade norteia currículos e disciplinas (CAVALCANTI, 2018, p. 20-48). Além disso, a posição da história americana nesta narrativa, junto à História Moderna e Contemporânea, no meio do curso, indicou um sentido da história considerada mais local (da América, do Brasil e do Rio Grande do Norte) como receptora daquele legado europeu, concepção ligada às interpretações históricas produzidas por sócios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e compartilhadas em outras instituições congêneres, como o IHGRN.

O IHGB foi fundado em 1838 e foi parte de um conjunto de medidas do Império Brasileiro e de seu chefe, D. Pedro II, para constituir e fortalecer um senso de identidade nacional por intermédio da cultura letrada. A História foi uma área de atuação estratégica para concretizar este intento, por meio da construção de conhecimento histórico no IHGB, no qual o passado coletivo e a identidade nacional estavam associados às ações de portugueses colonizadores e seus descendentes. Este aspecto foi um ponto em comum da produção escrita por sócios do IHGB e por sócios de sua congênere norte-rio-grandense, o IHGRN. Nesta instituição, era a identidade estadual do Rio Grande do Norte que estava em constituição, também mediante a mesma herança com o projeto colonizador europeu (NOBRE, 2021, p. 295-297).

A participação de diversos professores de História desse primeiro período no IHGRN pode ter influenciado na presença de uma perspectiva histórica característica do Instituto em decisões estruturais do Curso da FAFIN. Alguns destes aspectos foram a tendência em posicionar a história brasileira e norte-rio-grandense em paralelo com o meio da narrativa histórica europeia e não como ponto de partida. Assim como os currículos dos cursos, seus regimentos foram pensados coletivamente. As estratégias e instrumentos norteadores do processo de ensino-aprendizagem apresentados no Regimento do Curso de História da FAFIN (REGIMENTO [...], 1957) indicaram os objetivos e as expectativas que

seus gestores e docentes tinham quanto ao modelo de formação que pretendiam promover.

De acordo com o documento, foram sugeridas aos professores algumas estratégias de ensino, como as preleções, mais conhecidas atualmente como aulas expositivas, na qual o professor discute os conhecimentos por meio da oralidade. É possível afirmar que as habilidades privilegiadas por esse modelo de aula foram a atenção e memorização dos conteúdos das aulas por parte dos alunos. Outra estratégia apresentada no Regimento foi a aplicação de seminários, ou seja, a orientação dos estudantes para pesquisar, apresentar e debater em grupo questões mais aprofundadas de um tema sugerido pelo docente, geralmente ligado ao conteúdo visto nas preleções. É notável que este artifício de avaliação demandava a mobilização de habilidades de organização de tarefas em equipe, estudos autônomos, argumentação e retórica.

Já os “estágios”, citados no Regimento, tratavam-se das atividades avaliativas que compoariam a nota dos estudantes. Eram avaliações escritas e orais, como descrito em diferentes planos de componentes curriculares (FACULDADE DE FILOSOFIA, 1962) e (FACULDADE DE FILOSOFIA DE NATAL, 1963). Nelas, geralmente, a memorização e a expressão de conhecimentos pela fala e pela escrita foram trabalhadas. E a outra estratégia de ensino proposta no documento regulamentar foram as excursões, ou aulas de campo, viagens para lugares relacionados aos conteúdos discutidos no curso, nas quais os estudantes pudessem ter “demonstrações gráficas ou concretas” (REGIMENTO [...], 1957, p. 17) dos conhecimentos aprendidos de maneira mais abstrata em sala de aula.

Este artifício didático indicou uma intenção coletiva na instituição de promover um ensino mais significativo e interpretativo na formação de professores. Esta noção de aprendizagem significativa a partir da concretude do conhecimento partiu das prerrogativas do método intuitivo, em que se entende que o ensino é mais efetivo quando as ideias discutidas partem inicialmente de saberes mais simples, concretos e empíricos para depois articular com outros mais complexos, abstratos e teóricos. Esta perspectiva pedagógica surgiu no século XIX e, no Brasil, foi pensada e aplicada ao longo do século XX, por meio

de iniciativas diversas.⁹ No caso da história ensinada no Curso, o meio proposto no Regimento para estabelecer um ensino mais próximo do intuitivo eram as excursões.

Portanto, as habilidades privilegiadas pela proposta pedagógica do Curso foram a memorização, a oratória e a produção textual. Argumentação, pesquisa e trabalho em grupo também foram citados. Isto indicou que, juntamente dos conteúdos a serem abordados, estas aptidões deveriam compor as competências necessárias para a formação de um professor de História qualificado.

Considerações finais

Neste artigo buscou-se investigar as diversas ações pelas quais docentes e gestores da FAFIN e de seu Curso de História produziram este espaço de ensino, antes mesmo das aulas serem iniciadas. A partir da análise, identificou-se que a rede de sociabilidade dos intelectuais engajados nas ações para a fundação da FAFIN foi composta por membros da elite intelectual e política que integravam outras instituições ligadas à construção e divulgação do conhecimento no Rio Grande do Norte, como a APRN, o IHGRN e o Atheneu Norte Riograndense. Este grupo compartilhava um ideal de função do conhecimento histórico como um meio para constituir a identidade norte-riograndense mediante um passado coletivo comum, atrelado ao projeto colonizador português do qual a elite política do estado no momento era herdeira.

O perfil do corpo docente escolhido foi caracterizado por bacharéis em Direito com experiência no ensino, na escrita em jornais e periódicos e em cargos públicos burocráticos, o que indica que não apenas as habilidades didáticas foram consideradas necessárias para formar professores das ciências humanas, mas também o manejo da cultura letrada. Dentre estes docentes, João Wilson Melo afirmou ter se preparado para assumir o cargo na FAFIN estudando

⁹ Como, por exemplo, a professora e autora Esmeralda Masson de Azevedo, ao escrever livros didáticos de História para crianças, durante a Primeira República, e utilizar pinturas históricas e outras gravuras como ilustrações da narrativa escrita, ou seja, versões mais concretas da história contada (SANTOS, 2017, p. 221-226).

indicações bibliográficas obtidas no Curso de História da FFPA, e assim teve contato com a corrente historiográfica da Escola dos Annales, a qual atribui a sua principal referência ao lecionar. Porém, a bibliografia básica apresentada no programa de curso da sua cátedra, Introdução ao Ensino da História, apresentou mais autores ligados à teoria e filosofia da História Alemã do que dos Annales.

Já seu colega Hélio Dantas, catedrático de História do Rio Grande do Norte, apresentou em seu plano de curso uma lista de conteúdos quase idêntica ao índice da obra “História do Rio Grande do Norte” de Câmara Cascudo, que também foi docente da FAFIN, no Curso de Antropologia, e que também dava aulas no Atheneu Norte Riograndense e era sócio do IHGRN, ambas instituições que Hélio Dantas também fazia parte. Estes aspectos em comum provavelmente influenciaram na escolha desta obra como referência para Hélio Dantas se preparar e planejar suas aulas. A perspectiva histórica assumida nas produções dos confrades do IHGRN, na obra de Cascudo e no ensino de Hélio Dantas tiveram em comum o protagonismo ao elemento étnico branco e descendente da colonização portuguesa.

A primeira grade curricular do Curso de História teve como principais características em sua organização de cátedras a serem cursadas a divisão da narrativa histórica em quatro partes, o privilégio inicialmente do Oriente Médio como ponto de partida e posteriormente da Europa, o posicionamento da História americana, brasileira e norte-rio-grandense como um complemento da História europeia, e não um ponto de partida. Estes aspectos e, principalmente, a continuidade entre Brasil e Europa na narrativa histórica, foram pontos de aproximação entre as perspectivas historiográficas adotadas nas produções do IHGRN e do IHGB. Já o Regimento do Curso de História da FAFIN, produzido pelos docentes e gestores, propôs como metodologias didáticas a serem aplicadas o modelo de “preleção”, ou aula expositiva, seminários, “estágios”, ou seja, avaliações escritas e orais e excursões. Pela análise destas sujeitos de práticas, foi possível identificar que as habilidades privilegiadas na formação docente foram a atenção, memorização, pesquisa, argumentação, organização de tarefas em grupo e a expressão das ideias por meio da oralidade e da produção textual.

Cada um destes aspectos identificados foram contribuições dos professores e gestores da instituição em seu processo de fundação. Mas, tudo

isto ainda era sugestão, ideia, demanda, em 1956. Em 1957, com o início das aulas, todas essas ideias e propostas foram colocadas em prática e em teste. A partir de então e, de acordo com os resultados do ensino-aprendizagem, as características pensadas para o ensino foram modificadas e aperfeiçoadas. Porém, como já exposto, as medidas tomadas nos dois anos de preparação para a fundação da FAFIN foram basilares nesse processo. Professores e gestores, em cada opção, ação e ideia tomada ou planejada naqueles anos de 1955 e 1956, colaboraram na produção do espaço de ensino da FAFIN colocando sua pedra angular.

Referências

ATA da primeira Reunião Ordinária da Congregação dos Professores da Faculdade de Filosofia de Natal. Natal, 1956.

ATA da segunda sessão ordinária da Congregação dos Professores da Faculdade de Filosofia de Natal. Natal, 1956.

ATA da sessão solene de instalação da Faculdade de Filosofia de Natal, 1956.

BARRETO, Anna Maria Cascudo. Biografia. *Ludovicus* - Instituto Câmara Cascudo. Natal, 2022. Disponível em: <http://www.cascudo.org.br/biblioteca/vida>. Acesso em: 27 out. 2022.

BIOGRAFIA do prof. Tarcísio Medeiros. Natal: Tribunal Regional Eleitoral, 2022. Disponível em: <https://www.tre-rn.jus.br/o-tre/centro-de-memoria/memoria-viva-1/biografia-do-prof.-tarcisio-medeiros>. Acesso em: 28 out. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Faculdade de Educação. *Programa de Introdução ao Estudo da História*. Natal, 26 fev. 1972.

CALADO, Carmem; MELO, Veríssimo. *Síntese Cronológica da UFRN 1958/2017*. v.1. Natal: EDUFRN, 2019.

CASCUDO, Luís da Câmara. *História do Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1955.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Uma história da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte*. Natal: Fundação José Augusto, 1972.

CAVALCANTI, Erinaldo. A História e o ensino nas encruzilhadas do tempo: entre práticas e representações. In: CAVALCANTI, Erinaldo *et al.* (org.).

História Demandas e Desafios no Tempo Presente: produção acadêmica, ensino de História e formação docente. São Luís: EDUFMA, 2018. p. 20-48.

CHESNEAUX, Jean. As armadilhas do quadripartismo histórico. *In*: CHESNEAUX, Jean. *Devemos fazer tábula rasa do passado?* Sobre a história e os historiadores. São Paulo: África, 1995. p. 92-99.

COSTA, Gilmara Benevides. *Hélio Galvão: o saber como herança*. Natal: Moura Ramos, 2007.

FACULDADE DE FILOSOFIA. Cadeira de História da América. *Plano de Curso*. Natal, 1962. Disponível em: <http://lahmed.ce.ufrn.br/jspui>. Acesso em: 14 nov. 2022.

FACULDADE DE FILOSOFIA DE NATAL. Curso de História. Cadeira de História Moderna. *Plano de Curso*. Natal, ago. 1963. Disponível em <http://lahmed.ce.ufrn.br/jspui/>. Acesso em: 14 nov. 2022.

FACULDADE DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO NORTE. *Programa para a Cadeira de História do Rio Grande do Norte da 3ª série para o ano de 1962*. Natal, RN, 03 jan. 1962. Disponível em: <http://lahmed.ce.ufrn.br/jspui/>. Acesso em: 14 nov. 2022.

GALVÃO, Cláudio. *João Wilson Mendes Melo: vivendo e ensinando*. Natal: Offset, 2018.

GÓES, Moacyr de Góes. (Entrevista concedida a) Coryntho Baldez. *Jornal da UFRJ*, Rio de Janeiro, mar. 2009. p.8-10. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/moacyr/a_pdf/moacyr_entrevista_jornal_ufrj_mar_2009.pdf. Acesso em: 28 out. 2022.

LEFEBVRE, Henri. *La producción del espacio*. Madrid: Capitán Swing, 2013.

LIMA, Maria Helena Oliveira. *Uma História do curso de História em Natal: 1957-1968*. 2001. Monografia (Bacharelado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de História. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2002.

LOPES, Fátima Martins. Introdução. *In*: LOPES, Fátima Martins. *Índios, colonos e missionários na colonização da Capitania do Rio Grande do Norte*. Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1998. p.21-41.

LYRA, Augusto Tavares de. *História do Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1921.

LYRA, Francisco Anderson Tavares de. Alberto Maranhão e o modelo de educação republicana (1900-1913). *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA ANPUH-BRASIL, 27., 2013, Natal. *Anais [...]*. Natal: ANPUH, 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364876697_ARQUIVO_AL

[BERTOMARANHAOEO MODELO DE EDUCACA O REPUBLICANA.pdf](#). Acesso em: 1 nov. 2022.

MEDEIROS, Alberto Pinheiro. O curso de História na UFRN: 30 anos de existência. *Revista História – UFRN 30 anos: 1957-1987*, Natal, n. 1, p. 17-21, 1987.

MELO, João Wilson Mendes de. (Entrevista concedida a) Vital Nogueira de Souza. Natal, 2006. [Entrevista transcrita e registrada no DVD 50 Anos de História - UFRN].

MORAIS, Jean-Pierre Macedo Dantas de. *Um Rio Grande do Norte a ser ensinado: a trajetória do ensino de História do Rio Grande do Norte durante a Primeira República (1908-1925)*. 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

NOBRE, Clivya da Silveira. A escrita de Tarcísio Medeiros na Revista do IHGRN: política e intelectualidade. *Revista Mosaico*, v. 13, n. 21, p. 291-312, 2021. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/84767/80480>. Acesso em: 12 jan. 2023.

NOBRE, Clivya. Memória sobre os outros, memória sobre si: representações da prática docente no Curso de História da UFRN, pelo olhar da “Geração de 1976”. *Revista Latino-americana de História*, v. 11, n. 27, p. 92-111, 2022a. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/view/1217/386697>. Acesso em: 13 jan. 2023.

NOBRE, Clivya. “Não houvessem no Brasil esses autodidatas precursores”: os intelectuais do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e a construção do espaço institucional do curso de História da UFRN em Natal (1956-1987). In: COLÓQUIO DE HISTÓRIA E ESPAÇOS, 9., 2021, Natal. *Anais [...]*. Natal: Assaí e Sousa Comunicação, 2022b. p.50-70. Disponível em: <https://sigeventos.ufrn.br/evento/ColoquioPPGH/noticia/473>. Acesso em 12 jan. 2023.

POMBO, José da Rocha. *História do Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1922.

REGIMENTO Interno da Faculdade de Filosofia. Natal: Departamento de Imprensa, 1957.

REMOND, René. Uma história presente. In: REMOND, René (org.). *Por uma História Política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003. p. 13-36.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. “Scenas da História do Brasil”: Esmeralda Masson de Azevedo e a escrita de livros escolares de História para crianças. *Revista História Hoje*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 12, p. 204-230, 2017.

SIRINELLI, Jean-François. Le hasard ou la nécessité? Une histoire en chantier: l'histoire des intellectuels. *Vingtième Siècle - Revue d'histoire*, Paris, n. 9, p. 97-108, jan./mar. 1986.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. *In: RÉMOND, René (org.). Por uma História Política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003. p. 231-270.

VELOSO, Mônica. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. *In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucila (orgs.). O Brasil republicano: o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 145-179.

Recebido em: 13/01/2023.

Aceito em: 23/02/2023.

Clivya da Silveira Nobre

Licenciada em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFRN e bolsista CAPES. Faz pesquisas nas áreas de Historiografia Brasileira, Ensino de História e História dos Intelectuais.

 clivyahistoria@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/5873762416854044>

 <https://orcid.org/0000-0002-6977-0017>